Arte & Viagem

cordenação de
Margarida Acciaiuoli
Ana Duarte Rodrigues

INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE
ESTUDOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA
2012
SUMÁRIO

9 Apresentação

Parte I
VIAGEM: APROPRIAÇÃO E CONVICÇÃO
13 MARIA AUGUSTA BAGO
Deambulações sobre a viagem
23 ANÍSIO FRANCO
As viagens de Afonso de Albuquerque
49 ANA DUARTE RODRIGUES
Roma para quem não foi a Roma: as ideias e as imagens
do centro da Cristandade nos guias às Antiguidades Romanas
63 MARIA LUÍSA CABRAL
O valor intemporal de um manuscrito setecentista revisitado:
o Diário de Frei Joaquim de S. Jóse

Parte II
DIGRESSÕES
79 ALEXANDRA AI QUINTAS
Visões de ruínas: devaneios e deambulações culturais
93 MARIA CLARA PAULINO
Women travelers: glimpses of art and architecture in Portugal (1801-1851)
105 JOÃO BRIGOLA
Os viajantes e o «livro dos museus». As coleções portuguesas
através do olhar dos viajantes estrangeiros (1700-1900)
117 PAULO SIMÕES RODRIGUES
Da viagem do olhar à viagem das formas:
percursos da identidade artística portuguesa no século XIX
PAULO BAPTISTA
Percursos do olhar pela arte e pela natureza.
A fotografia nos primórdios da actividade turística em Portugal

ALEXANDRA GOMES MARKL
As Viagens Filosóficas e o espírito do Iluminismo

MADALENA ESPELHÂNCIA PINA / MARIA DE FÁTIMA NUNES
O XV Congresso Internacional de Medicina de 1906: Viagem e Ciência

Parte III
VIAGENS, ESCRITOS E ARTISTAS

MARIA JÓÃO CASTRO
O pintor viajante e o ultramar português: Fausto Sampaio e Jorge Barradas

EDUARDO SALAVISA
Viajar com o Diário Gráfico

ISABEL LOPES CARDOSO
Quando a viagem artística se cruza com a história pessoal

ROGÉRIO MIGUEL PUGA
«O Jardim de Portugal»: Representações de Imagens Históricas de Guimarães, das Caldas das Taipas e da Citânia de Briteiros em My Tour in Portugal (1932), de Helen Cameron Gordon (Lady Russell)

NUNO JÚDICE
Feminismo e exotismo em Eça

MADALENA SOUSA
Literatura de viagens. A viagem de Eça de Queirós ao Egito. A temática faraônica

Parte IV
VIAGEM HOJE

PAULA ANDRÉ
As Viagens dos Arquitectos como Novo Valor Patrimonial
O XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA DE 1906: VIAGEM E CIÊNCIA

MADALENA ESPERANÇA PINA, MARIA DE FÁTIMA Nunes

Entre os dias 19 e 26 de Abril de 1906, realizou-se um evento científico que marcaria a História da Medicina portuguesa e a sociabilidade científica a nível internacional. Lisboa recebeu, nesses dias, o XV Congresso Internacional de Medicina, no qual marcaram presença quase 2000 congressistas.

A figura de maior relevância na organização do evento foi Miguel Bombardá (1851-1910), médico com destaque social, cuja influência e esforços trouxeram a Lisboa a comunidade médica internacional, num tempo de fim de Monarquia, a dois anos do assassinato de D. Carlos I e a quatro da chegada da I República. Com Bombardá como secretário-geral, protagonizaram a organização do congresso Manuel Costa Alemão (1833-1922), como presidente e Alfredo Luiz Lopes (1853-1937), como tesoureiro, compondo o trio de médicos que levaria a cabo uma festa científica de sucesso assinalável.

A sessão inaugural teve lugar na Sociedade de Geografia, numa Sala Portugal repleta de congressistas. As sessões científicas decorreram no Campo de Santana, servindo o evento para a inauguração simbólica do novo edifício construído para a Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, que desde a sua fundação, em 1836, ocupava um velho convento nos terrenos do Hospital Real de São José. O edifício foi inaugurado pelos reis, D. Amélia e D. Carlos com pompa, circunstância e programa artístico e decorativo a preceito, encomendado a artistas como Veloso Salgado, Jorge Colaço, António Ramalho e João Vaz, entre outros, num edifício construído de raiz para a Medicina.

1 O presente contributo insere-se na actividade desenvolvida pelas autoras no projecto FCT intitulado A Investigação científica em Portugal no período entre as duas guerras mundiais e a JEN (IFC/0077/2009), no âmbito do qual estudam os congressos científicos e sua relação com a investigação científica.

2 O ensino médico na Colina de Santana, também conhecida como Colina da Saúde, tem uma longa tradição, com origem no Hospital Real de Todos os Santos, fundado em 1492 e no qual, a partir do ensino médico nos Estudos Gerais, primeira universidade criada em 1290, foi desenvolvido um importante núcleo de ensino anatômico-cirúrgico.
Na nova escola decorreram as conferências e comunicações. Segundo Luís da Silveira Boelho, foram apresentados 134 temas de estudo, lidas 500 comunicações livres e realizadas 20 assembleias, várias sessões de demonstração e conferências, organizadas nas 17 secções científicas em torno das quais se produziria a troca de ideias científicas: Anatomia (I), Fisiologia (II), Patologia Geral, Bacteriologia e Anatomia Patológica (III), Terapêutica e Farmacologia (IV), Medicina (V), Pediatria (VI), Neurologia, Psiquiatria e Antropologia Criminal (VII), Dermatologia e Sifilografia (VIII), Cirurgia (IX), Medicina e Cirurgia das vias urinárias (X), Oftalmologia (XI), Rino-Laringologia, Otologia e Estomatologia (XII), Obstetrícia e Ginecologia (XIII), Higiene e Epidemiologia (XIV), Medicina Militar (XV), Medicina Legal (XVI) e por último Medicina Colonial e Naval (XVII). Esta última, no recado do congresso, passaria a ganhar a designação de Medicina Tropical. Do XV Congresso saíram outras premissas importantes como a necessidade de desenvolver estudos sobre o câncer e o desenvolvimento de um maior contacto entre os médicos.

O facto é que o congresso de 1906 viria a servir de modelo para o funcionamento e o estudo dos que lhe seguiram e naturalmente que o seu contributo científico foi o mais importante, dada a presença da elite médica nacional e internacional em Lisboa, trocando ideias relativas ao conjunto vasto das 17 secções, correspondentes às especialidades médicas em estudo.

No presente contexto, porém, interessa relacionar este grande evento científico com o contexto de viagem e esta faz-se em dois aspectos. Primeiro, compreender a complexidade da chegada de quase 2000 congressistas a Lisboa, vindos de vários pontos do Mundo, na primeira década do século XX. Segundo, compreender o conceito de viagem dentro do programa científico e do programa social do congresso.

Não há dúvida que os congressistas chegaram em grande número e com as mais variadas origens, tais como a Alemanha, Argentina, Áustria-Hungria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Chile, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Irlanda, Grécia, Haiti, Itália, Japão, México, Noruega, Países-Baixos, Peru, Rússia, São Domingo, Sérvia, Suécia, Suíça, Turquia, Egipto, Uruguai e Venezuela, num total de 30 países de origem. Este número impressionante se tivermos em conta que os meios de transporte utilizados em 1906 não eram nem frequentes.


nem rápidos, ideia reforçada se pensarmos por exemplo nos congressistas vindos da América ou do Japão.

Viajar em nome do conhecimento científico e da Medicina não era, então uma evidência, requerendo vários dias de viagem e uma estadia de vários dias em Lisboa. O processo requeria, indubitavelmente, um gosto particular pelo Medicina e uma capacidade de resistência que aos olhos do congressista do século XXI, impõe uma reflexão.

A par das sessões científicas, o programa compunha-se de visitas de estudo a pontos de interesse histórico, institucional e clínico relevantes para o enriquecimento teórico do conhecimento veiculado no congresso. Foram disso exemplo deslocações feitas ao Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, ao Depósito de Água dos Barbudinhos, ao posto de desinfecção, ao serviço de Sifilis do Hospital do Desterro, ao Hospital de Rilhafoles, ao Serviço de Diatria do Instituto Bacteriológico, à Exposição Colonial, à

Escola de Medicina Tropical e Hospital Colonial, ao posto marítimo de desinfeção, ao dispensário anti-tuberculoso, ao serviço de Ginecologia do Hospital D. Estefânia, ao Museu de Zoologia e Jardim Botânico, movimentos que implicam também uma abordagem das viagens dentro da viagem científica.

No que diz respeito ao programa social, foi vasto, pormenorizado e esteve de acordo com os preceitos do turismo científico. A programação social, espelhando bem a importância da sociabilidade científica, esteve a cargo do «Comité des Dames», composto pelas mulheres dos organizadores e outros médicos com papel activo na organização do XV Congresso. Curiosamente, o comité tem lugar no conjunto das comissões organizadoras registadas no programa, logo a seguir ao comité executivo. Dele faziam parte as mulheres de: Achilles Machado, António d’Azevedo, Avelino Monteiro, Benjamin Arrobas, Beirão, Burnay, Caldeira Cabral, Costa Alemão, Daniel de Mattos, Feijão, Furtado, Encastro, Mattos Chaves, Mauperrin Santos, Mello Breyner, Pereira Amado e Souza Neves. Estas senhoras não eram congressistas mas foram uma peça fundamental na organização do evento, servindo de anfitriãs, levando a cabo funções de organização e lembrando o papel da família no desempenho profissional.

Ficaram visitados locais públicos como o Estoril e a Costa do Sol, Sintra ou Vila Franca, onde os congressistas puderam assistir a uma «festa ribatejana», com uma toureada, regressando a Lisboa de barco e usufruindo do Tejo. Numa soirée que teve lugar na Sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, puderam também apreciar a actuação de um rancho folclórico.

A par destas visitas, os congressistas foram recebidos em Monserrate por Sir Francis Cook, Visconde de Monserrate, que ofereceu uma garden party, e em casa de alguns médicos, facto que reforça bem o estabelecimento de laços sociais num contexto científico. Mauperrin Santos (1857-1915) ofereceu um five o'clock tea na «Escola Académica», instituição de instrução primária, secundária e profissional que presidia. Gama Pinto (1857-1945), oftalmologista, organizou no Estoril, nos jardins da sua casa, outra festa.

D. Carlos I e D. Amélia receberam pessoalmente os congressistas, num jantar oferecido aos delegados do congresso e num encontro que decorreu nos jardins do

5 No congresso participou uma única congressista, americana, ver figura 1.
6 Instituição de ensino primário, secundário e profissional, fundada em 1847 e que teve várias instalações de Lisboa.
7 Na sessão inaugural que teve lugar na Sociedade de Geografia de Lisboa esteve também presente a Rainha Mãe D. Maria Pia.
Palácio das Necessidades, unindo Estado e Ciência, deixando clara a importância histórica e social do acontecimento e estreitando laços com a comunidade médica nacional e internacional.

A organização de 1906 incluía um conjunto de publicações e outros elementos como a produção de souvenirs para os congressistas, tais como uma medalha e um azulejo, este último representando Costa Alvimão, Miguel Bombarda e Alfredo Luiz Lopes, organizadores do evento, os reis D. Carlos e D. Amélia e o edifício da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa.

O XV Congresso Internacional de Medicina representa um acontecimento científico e cultural ligado à Medicina da maior importância para Portugal. Deste acontecimento podem ser feitas várias leituras. Estas podem ser leituras comparadas com eventos congéneros", leituras relativas ao estado da arte da Medicina no início do século, leituras relacionadas com os resultados científicos que saíram da reunião e leituras interpretativas relacionadas com os actores e espaços que protagonizaram este evento. Outra leitura possível oferece uma perspectiva diferente, a do conceito de viagem associado a um congresso científico de grande envergadura que teve influência inegável no contexto científico português do século XX.

BIBLIOGRAFIA


---